

A CARTOGRAFIA HISTÓRICA DOS PRIMEIROS SÉCULOS COLONIAIS DO NORDESTE BRASILEIRO E O LUGAR DO ALIMENTO

THE HISTORICAL CARTOGRAPHY OF NORTHEAST BRAZIL IN THE FIRST COLONIAL CENTURIES AND THE ROLE OF THE FOOD

ALCIDES, Melissa M. ⁽¹⁾

SILVA, Maria Angélica ⁽²⁾

1. Professora do Centro Universitário Tiradentes, doutoranda da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas
motamelissa@yahoo.com.br

2. Universidade Federal de Alagoas. Professora doutora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. mas.ufal@gmail.com

RESUMO

Estar no mundo exigiu da espécie humana, em primeira instância, o suprimento das suas necessidades alimentares. Ao habitar um lugar, estudava-se a fertilidade do solo, a disponibilidade de água para o consumo e a lavoura, a geografia que poderia favorecer a manutenção dos pastos para os animais. Todos esses aspectos passaram a ser gradativamente mapeados, analisados e registrados, garantindo a consolidação e implantação dos diferentes agrupamentos humanos. Neste sentido, a contribuição da cartografia foi fundamental. Nos mapas, as referências geográficas apresentam-se cruzadas com as demandas pela subsistência. Contudo, nem sempre estes dados revelavam-se facilmente. Assim, um conjunto de mapas relativos à região, produzidos durante os séculos XVI e XVII, puderam indicar aspectos, a princípio imprevisíveis, da consolidação de agrupamentos urbanos, que guardam relação com a questão alimentar. Reavivar experiências passadas acerca das relações estabelecidas entre o alimento e a cidade, pode nos ajudar a refletir sobre como essa questão se coloca na contemporaneidade. Em especial, no tocante aos aspectos relacionados com a sustentabilidade das produções agrícolas e o abastecimento das populações citadinas.

PALAVRAS-CHAVE: cartografia, alimento, urbanismo, Nordeste colonial.

ABSTRACT

Being in the world demanded of the human species, in the first instance, the supply of their food needs. When inhabiting a place, studying up soil fertility, water availability for consumption and agriculture, geography that could favour the maintenance of pastures for animals. All these aspects were gradually mapped analysed and recorded, ensuring the consolidation and implementation of different human groups. In this sense, the contribution of cartography was fundamental. On the maps, the geographic references are presented crossed with the demands for subsistence. However, not always these data revealed easily. Thus, a set of maps for the region, produced during the sixteenth and seventeenth centuries, were able to reveal aspects at the beginning, unpredictable, about the consolidation of urban clusters, which are related to the food issue. Reviving past experiences of the relations established between the food and the city can help us reflect on how this question arises in contemporary world. In particular, with regard to aspects related to the sustainability of agricultural production and the supply of urban populations.

KEYWORDS: cartography, food, urbanism, colonial Northeast.

INTRODUÇÃO

A comida é uma manifestação da organização social, uma chave simbólica dos costumes, o registro do modo de pensar a corporalidade do mundo, em qualquer que seja a sociedade. Os alimentos não são apenas comidos, mas também pensados. Comemos por necessidade vital e conforme o meio e a sociedade em que vivemos. Comidas têm histórias sociais, econômicas, simbólicas e geográficas. As mensagens, a transmissão de receitas, os níveis de produção, as técnicas de tratamento do solo, a circulação de produtos e a formação de mercados são variáveis importantes também dentro do estudo da alimentação. Neste artigo, busca-se estender o tema da alimentação para a dimensão urbana, onde o alimento adquire um estatuto coletivo e

é inserido na perspectiva mais ampliada dos grupos sociais. Procura-se contribuir nesta busca que relaciona a cidade ao alimento, tendo como recorte temporal os séculos XVI, XVII e XVIII. Acredita-se que o abastecimento dos núcleos urbanos, as relações que se estabeleciam entre o campo e a urbe, os diferentes lugares de produção de alimentos, dentre outros aspectos, definiram a paisagem e portanto o aspecto das primeiras vilas e cidades coloniais brasileiras.

Assim, pode-se trazer elementos de reflexão para os dias de hoje, como por exemplo, aspectos relacionados às práticas alimentares, à segurança alimentar e ao abastecimento das populações citadinas, à sustentabilidade das produções agrícolas e as maneiras pelas quais as estruturas de poder interferem no ato de alimentar, incentivando um produto agrícola em detrimento de outros.

Com o estudo da cartografia, em especial das matrizes portuguesas e holandesas, a temática do alimento ganha a possibilidade de ser analisada especialmente, observando-se como a demanda pela subsistência desenha territórios.

A cartografia de vilas e cidades no Brasil

No campo do uso dos recursos cartográficos no âmbito da história urbana e da arquitetura no Brasil, destacam-se os trabalhos iniciados por Nestor Goulart Reis Filho, ainda em 1964, com o clássico *Contribuição ao Estudo da Evolução Urbana do Brasil (1500-1720)*. Esta obra foi reeditada no ano de 2001, juntamente com um catálogo denominado *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial (2000)*, publicação resultante de uma extensa pesquisa realizada por uma equipe da USP liderada pelo mesmo autor, que trouxe a público de forma inédita, um ambicioso conjunto de mapas reunido a partir de levantamentos em arquivos no Brasil e em várias partes do mundo. Esta obra mostrou pioneiramente, as vilas e cidades do Brasil fundadas durante o período colonial com suas informações imagéticas organizadas por estado. O autor esclarece na introdução do livro, as suas intenções com a obra.

A publicação desse conjunto de imagens poderá contribuir para uma reinterpretação da história da urbanização e do urbanismo no Brasil e também para a percepção da existência de uma atividade planejadora regular do mundo luso-brasileiro. Permitirá ainda uma revisão dos processos de ensino da História do Brasil (REIS FILHO, 2000, p. 8).

Além de Nestor Goulart, podemos citar como outros precursores dos estudos urbanos apoiados na cartografia, os arquitetos: Paulo Ferreira Santos, Murillo de Azevedo Marx e José Luiz Mota Menezes. Os estudos realizados por estes pesquisadores fizeram parte das atividades, à época pouco frequentes, no sentido de eleger os mapas históricos como fontes de pesquisa para estudar o percurso urbano de vilas e cidades. Contudo, toda esta preciosa documentação cartográfica, permaneceu, durante muitos anos, distanciada dos pesquisadores pois seus originais se mantinham engavetados nos arquivos históricos de bibliotecas e outras instituições museológicas, com difícil acesso aos pesquisadores.

Esta realidade, se alterou, nos anos mais recentes, quando o contato com estas fontes foi facilitado através das ferramentas da internet e as políticas de democratização do acesso à informação. Para além da disponibilização desses documentos imagéticos, a tecnologia dos processos digitais, relacionados ao georeferenciamento, forneceram importantes instrumentos para a manipulação e análise desta documentação.

Portanto, só muito recentemente aconteceu uma modificação no estudo desse material imagético, coincidindo com a abertura de novos diálogos entre múltiplas disciplinas, o que permitiu a recuperação da centralidade dos mapas e a restauração das relações investigativas entre a Geografia e a Cartografia, e destas com a Arquitetura, o Urbanismo e a História.

Parâmetros espaciais e temporais

Para o desenvolvimento desta pesquisa, a Capitania de Pernambuco e suas zonas limítrofes como a do atual estado Sergipe e a região o Recôncavo baiano foram escolhidas como recorte geográfico prioritário, em razão da grande quantidade de imagens reportadas ao mesmo, e em especial durante o período do Brasil holandês.

Outorgada a Duarte Coelho Pereira, por carta de Doação assinada por D. João III, datada de 10 de março de 1534 o donatário recebeu o título de Capitão e Governador das terras de Pernambuco e chamou de Nova Lusitânia o território que se estendia entre o rio Igarauçu e o rio São Francisco. Era a capitania que tinha a maior área territorial entre todas as que foram doadas pelo rei. Devido à sua importância, foi largamente retratada, em especial durante o período da ocupação holandesa, resultando em um precioso conjunto de mapas. Cabe lembrar que, o período tratado, ou seja, o da Expansão Ultramarina, destaca-se na história da cartografia pelo fato das conquistas territoriais se atrelarem profundamente à qualidade da produção cartográfica.

O registro cartográfico português

A produção de mapas em Portugal nos séculos XV, XVI e XVII, está indissociavelmente ligada à expansão marítima. À medida que a geografia do planeta ia sendo desvendada, os cartógrafos apressavam-se em registrar a configuração dos novos espaços.

Durante o século XVI, grandes cartógrafos portugueses, como Lopo Homem, Pedro e Jorge Reinel, Sebastião Lopes, Lázaro Luís, Fernão Vaz Dourado, Diogo Homem, Bartolomeu Velho, Bartolomeu Lasso e outros retrataram o território que se denominaria futuramente, Brasil.

Marcações sobre o mapa *Descrição de Todo o Marítimo da Terra de Santa Cruz Chamado Vulgarmente de Brasil*, João Teixeira Albernaz, 1640. Circulados em vermelho, os engenhos que foram assinalados no mapa. Fonte: CORTESÃO, 1960.

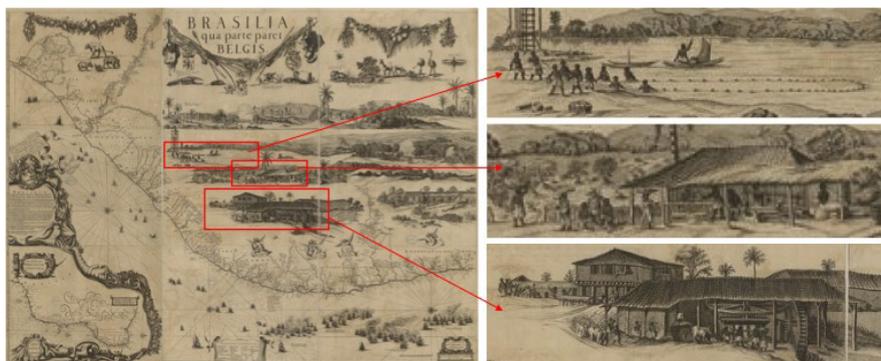
O Registro Holandês

As cartas holandesas distinguem-se usualmente das portuguesas pela riqueza da descrição que cobre não somente das relações topográficas e geográficas das áreas conquistadas, mas também, através de seus detalhes, os aspectos socioeconômicos e até cotidianos da colônia. Neste sentido, motivaram ainda mais do que o material português, a busca de informações, relacionadas à produção agrícola e a diferentes processamentos laboriais.³

Escolheu-se para realizar um exercício, o mapa de Marcgrave considerado a mais notável expressão da cartografia impressa referente ao Brasil, vinda à luz no século XVII. Tendo como autor George Marcgrave, astrônomo, naturalista e cartógrafo alemão que aqui permaneceu durante o governo de Maurício de Nassau (1637-1644), essa carta retrata a faixa costeira nordestina compreendida entre Sergipe e o Rio Grande do Norte e revela nas suas inúmeras ilustrações aspectos relativos à alimentação como o processamento da mandioca para a produção de farinha; cenas representando a atividade da pesca e imagens do complexo de um engenho de açúcar em funcionamento.⁴

³ Na Holanda, a cartografia tem sua expressão em trabalhos realizados por Abraham Ortelius, Jodocus Hondius e Gerardus Mercator na primeira metade do século XVII em que se retratou desde partes específicas do globo terrestre até o planisfério de maneira geral. Com relação à cartografia produzida sobre o Brasil, destacaram-se George Marcgrave, Cornelis Bastiaanszoon Golijath e Johannes Vingboons que retrataram as diversas regiões brasileiras sob possessão holandesa no período colonial.

⁴ Seu desenho original foi concluído por volta de 1643, mas a primeira versão só foi publicada pelo editor holandês Joan Blaeu em 1647. O “Mapa de Marcgrave” costuma ser visto como o apogeu da cartografia produzida durante o período do Brasil Holandês (1624-1654), sendo reputado como a melhor representação geográfica do nosso país existente até o início do século XIX.



Brasília qua parte paret Belgis, Geroge Marcgrave, 1647 e detalhes, de cima para baixo: cena de pesca, casa de farinha e engenho de açúcar. FONTE: HERKENHOFF, 1999, pág 82-83.

No mapa *Brasilia qua parte paret Belgis*, Marcgrave adota um código de representação para transmitir um considerável volume de informações, além de incluir símbolos para figurar montanhas, rios, alagadiços e outros acidentes geográficos além de elementos da paisagem humana como cidades, povoações, fortalezas, currais, aldeias indígenas, etc. Dentro do foco deste artigo, interessa sublinhar que o autor também diferenciou os tipos de vegetação encontrados no Brasil distinguindo “mato” (florestas) de “campinas”, possível referência às áreas abertas na floresta, provavelmente os pastos para o gado. Ao longo da costa, o mapa nomeia centenas de lugares e também outros tantos no interior, geralmente ao longo de rios. Em resumo, nele constam 1.088 topônimos, num esforço em demarcar pontos notáveis no território do Brasil holandês, com destaque para os engenhos, currais, caminhos, vias e núcleos habitados, nos indicando pistas para o entendimento das relações entre o alimento e o território.

Análise infográfica da cartografia

Para realizar uma análise iconográfica da cartografia do período, foi realizada uma catalogação de iconografias, colecionadas ao longo de muitos anos, pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, da

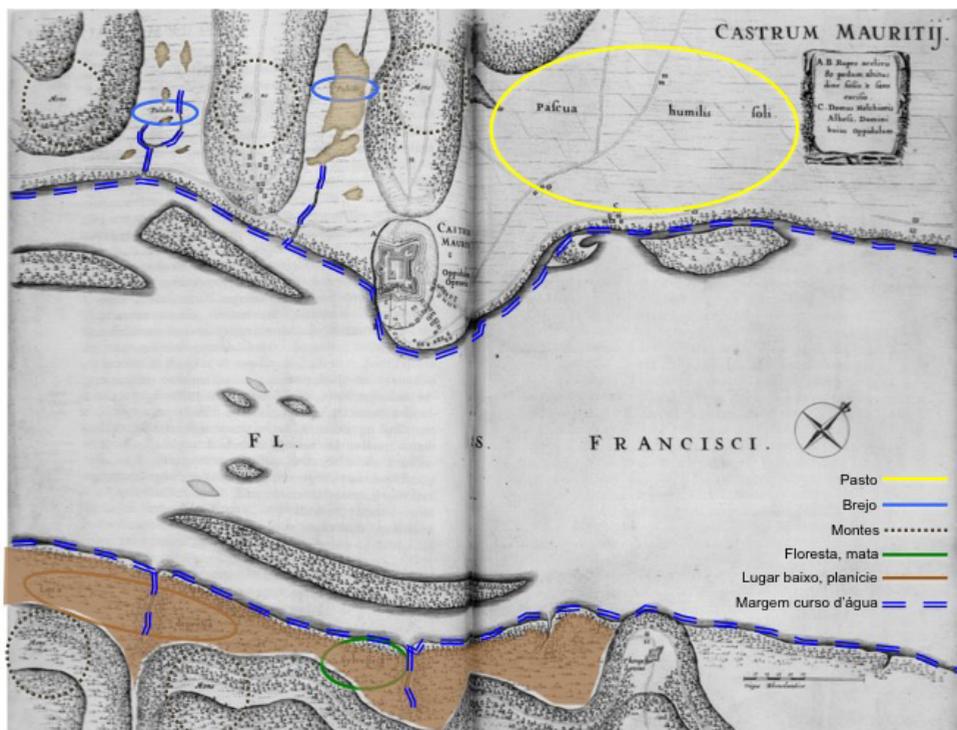
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, do qual as autoras fazem parte.⁵

Parte deste material foi inicialmente conseguido diretamente através da consulta aos acervos, mas a ele se acrescentou outras imagens localizadas e baixadas diretamente de sites da internet. O conjunto catalogado possui 268 imagens em alta qualidade, fator que definiu este recorte quantitativo focado no Nordeste Colonial.

Deste conjunto, trazemos para análise a carta *Castrum Mauriti*, relativa à vila de Penedo, hoje situada em Alagoas, mas à época, correspondendo ao extremo sul da Capitania de Pernambuco. A outra margem mostrada na imagem corresponde ao atual território do estado de Sergipe. O autor, novamente George Marcgrave, identifica, próximo à vila, rios, montes, brejos e lugares baixos, além de pastos e florestas, indicando que havia uma setorização e marcação dos aspectos relacionados à geografia, que influenciavam a questão da agricultura. Na imagem, circulado em amarelo, a inscrição “*pascua humilis foli*” indicava uma região baixa inundável, fértil e propícia ao cultivo de arroz que existiam em grande escala até meados do século passado. Ainda hoje é possível identificar pequenas áreas com essas características geográficas, onde há a presença de plantações de arroz. Essas áreas também serviam como pastagens para o gado, outra cultura muito em ambas as margens do Rio São Francisco, como registrado nas imagens e relatos do período.

Assim, a relação que se estabelecia entre o local da habitação e a presença de recursos hídricos, registrada no mapa, era essencial para que fossem satisfeitas as demandas cotidianas incluindo a manutenção dos complexos agrícolas e criações animais, que refletem diretamente a relação com o provimento alimentar.

⁵ er <http://www.fau.ufal.br/grupopesquisa/estudosdapaisagem/>



Infográfico sobre a imagem Castrum Mauritj, George Marcgrave, 1647.
 FONTE: www.brasiliana.usp.br

No mapa da Capitania de Sergipe, intitulado *Praefectura de Ciriiji, vel Seregippe Del Rey cum Itâpuama* (1647), Marcgrave assinalou 36 currais de gado existentes na região. De fato, a historiografia registra que desde a Vila de Penedo até a divisa das Capitanias de Pernambuco e Bahia com Minas Gerais, inúmeros currais, pousos e fazendas se estabeleceram, articulando o mercado interno de abastecimento de carne e couro aos principais núcleos urbanos litorâneos.

A criação de gado também era uma atividade acessória à produção de açúcar. Significava a força motriz para muitos engenhos e para o transporte da cana da lavoura para a moenda. Portanto, com relação aos engenhos, os locais onde foram instalados eram escolhidos

estrategicamente. Os engenhos também demandavam grandes áreas para o plantio da cana-de-açúcar, nas suas proximidades, já que a cana, quando colhida, estraga rapidamente se não for imediatamente moída.

Portanto, ao trazer informações sobre uma atividade econômica – os engenhos – pôde-se acessar uma série de outras que vão revelando aspectos do cotidiano, da vida urbana e dos processos de alimentar a vila e a cidade coloniais. Os mapas, nos seus detalhes, vão revelando informações que, por falta de acesso direto ou da consulta a reproduções de boa qualidade, ficaram silenciosas e que hoje podem auxiliar nos estudos que buscam compreender aspectos fundamentais da história do nordeste do Brasil.

BIBLIOGRAFIA

ALBERNAZ, Luís Teixeira. *Roteiro de todos os sinaes (...)*. Edição fac-similada do manuscrito da Biblioteca da Ajuda (1582-1585). Leitura, introdução e notas de Melba Ferreira da Costa. Lisboa: Tagol, 1988.

CORTESÃO, Jaime. *História do Brasil nos Velhos Mapas*. Tomo I e Tomo II. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2009.

CORTESÃO, Armando e MOTA, Avelino Teixeira da. *Portugaliae Monumenta Cartographica*. Lisboa: Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960.

HERKENHOFF, Paulo (ORG.). *O Brasil e os Holandeses 1630-1654*. Rio de Janeiro: GMTEditores, Instituto Cultural Banco Santos, 1999, pág 82-83.

MARX, Murillo. *Cidade no Brasil Terra de Quem?* São paulo: Edusp/ Nobel, 1991.

MENEZES, José Luiz Mota. *Atlas Cartográfico do Recife*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Massangana, 1988.

SANTOS, Paulo Ferreira. *Formação de cidades no Brasil colonial*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2001.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades no Brasil Colonial*. São Paulo: Edusp, 2000.

_____, Nestor Goulart. *Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil (1500-1720)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968.